

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José Fontinha Pereira

registada em 2008-09-26
por

Susana Pires e Jenny Campos

José Fontinha Pereira

José Fontinha Pereira nasceu na Foz d'Égua a 7 de Abril de 1922. Os pais chamavam-se José Fontinha e Maria da Assunção. Tiveram seis filhos. Com 10 anos entrou para a escola e fez só até à terceira classe. A quarta classe já fez em adulto, em Lisboa. Fazia falta ao trabalho e, por isso, é que o tiraram da escola. A primeira vez que saiu de casa para ir trabalhar para fora tinha 14 ou 15 anos. Foi para as Minas da Panasqueira. Depois trabalhou em várias herdades. Até que foi para Lisboa, trabalhar na construção civil. Depois foi para os estaleiros da CUF. Entretanto chegou o tempo de ir à inspecção. Assentou praça a 23 de Março de 1943. Esteve nos Açores até 15 de Dezembro de 1945. Depois regressou para Foz d'Égua e casou. A esposa era dos Barreiros. Era Maria Rosa. Tiveram quatro filhos. Passado um ano voltou para Lisboa para a CUF, mas só em 1965 é que levou a minha família. Em 1976 reformou-se.

Índice

Identificação José Fontinha Pereira.....	4
Ascendência "Com muito amor pelos filhos".....	4
Casa Uma casa como as outras.....	4
Infância "Poucos para cavar o sustento de todos".....	5
Educação Memórias da escola.....	8
Percurso profissional Memórias de 30 anos de trabalho.....	10
Casamento Casamento pobre.....	14
Filosofia "Amigo da natureza".....	15
Lazer "Queda para escrever".....	16
História Terras do planalto.....	18
Lugar Uma terra muito fértil.....	19
Pessoas Grupo Gerações.....	29
Costumes A importância das festas.....	29
Avaliação "Revelar a situação destas aldeias".....	30

Identificação *José Fontinha Pereira*

O meu nome é José Fontinha Pereira. Nasci na Foz d'Égua a 7 de Abril de 1922.

Ascendência "*Com muito amor pelos filhos*"

Os meus pais chamavam-se José Fontinha e Maria da Assunção. Lembro-me que a minha mãe e o meu pai eram umas pessoas excelentes. Carinhosas, com muito amor pelos filhos. Embora nesse tempo, claro, havia muitas dificuldades. Eu lembro-me de muitas passagens. Lembro-me que a vida era dura e difícil. Vivia-se aqui isoladamente, sem qualquer comunicação para o exterior. O que aqui se cultivava quase não chegava para a subsistência das pessoas. A minha mãe era uma pessoa excepcional. Eu gostava muito da minha mãe e a minha mãe também gostava de mim. O meu pai também. E, então, eu sabia que a minha mãe era uma sacrificada. Às vezes, também ia ao mato, depois vinha fazer o comer para o almoço. Depois ainda tinha de ir à água, tinha de ir tratar do porco, das galinhas, etc. Aquilo era um trabalho extenuante. Ninguém imagina hoje. Olho para as fazendas: como é que aquela gente conseguia cultivar tanta coisa? Às vezes, quando nos juntámos, ainda conversámos e as senhoras lá dizem o que é que faziam, o sacrifício que faziam. É claro, ao mato iam todos da família. Mas como é que elas conseguiam dar volta a tanto trabalho?

Casa *Uma casa como as outras*

A minha casa era uma casa vulgar, como quase todas as outras. Hoje é que, infelizmente, remodelaram tudo e foi uma pena. Então, em Chãs d'Égua fizeram ali um crime. Fizeram novamente com cimento e destruíram a arquitectónica antiga das casas, que foi uma pena. As casas era assim: tinha uma loja que era o rés-do-chão. Lá dentro é que tínhamos os pipos, as arcas do milho. A minha casa e as casas, regra geral, eram todas iguais. Rés-do-chão e primeiro andar. Era a loja para ter a adega, as dornas com os medronhos - toda a gente nesta região apanhava medronhos e fazia a aguardente -, era também a salgadeira, para lá pôr a carne de porco. Chamam a salgadeira para pôr em salmoura. Porque não podiam comer logo tudo, fazia falta para durante o ano. Punham ali em sal e depois, cada vez que precisavam, iam lá buscar um bocado para cozer, porque

era a única carne que eles comiam. A cabra era para fazer a chanfana só nas festas. Só nas festas é que eles comiam.

"Dormiam dois e três numa cama"

Dormiam em quartos de madeira. Todas as casas eram divididas com madeira. Aqui era madeira de castanho, mais tarde, era madeira de pinho. O casal é que tinha o seu quarto. Depois havia mais um ou dois, mas não chegava para todos. Regra geral, dormiam dois e três numa cama, porque as casas eram muito pequenas e as famílias eram muito grandes. Chegou aí a haver famílias de dez, 11 filhos. Não havia espaço e não havia quartos. Então, fazia-se sempre um quartozinho. Por exemplo, a minha cama era no sótão, por cima das tábuas, com um bocadinho de palha ou casca de feijão. O casal tinha o seu quarto. Depois faziam os quartos para os filhos.

Casa de banho ao natural

Não havia casas de banho. As casas de banho eram na rua, ao ar livre. Fazia-se uma cova para fazer as necessidades. Uma cova no chão, ali com umas lajes em volta, uma tábua, um pau e ali é que as pessoas iam fazer. Chamavam as latrinas. Iam ali fazer as necessidades. Por exemplo, urinar. Havia os penicos de barro. Ainda hoje há. Então, urinavam de noite. Para a rua não podiam ir porque não viam. Então, urinavam para ali e de manhã iam deitar fora.

Houve pessoas que nunca tomaram banho na vida. Não tomavam banho. Eu, poucas vezes, tomei banho enquanto vivi cá. Só depois de ir para Lisboa é que eu tomava banho.

Infância *"Poucos para cavar o sustento de todos"*

"Não tínhamos tempo de brincar"

Éramos seis irmãos. As brincadeiras eram poucas, porque nós não tínhamos tempo de brincar. Todos nós éramos poucos para cavar o sustento de todos. Porque aquilo, as fazendas, eram distantes umas das outras. Depois, no Verão, um estava incumbido de regar aquela propriedade, outro regava além, outro regava acolá e era assim. Nós chegávamos à noite, cansados. Eu chegava a casa,

às vezes, nem ceava - ceiar é o jantar. Queria era dormir. Adormecia, caía logo na cama.

A neve

Eu, bem pequeno, comecei a ir ao mato à serra descalço. Até me lembro de uma vez. Tinha nevado. Agora já não neva cá, mas a neve conservou-se lá 15 dias e eu, quando lá cheguei, ainda havia assim bocados de neve. Comecei com o podão. O podão era com o que a gente cortava o mato. Comecei a arredondar. Veja-se a consistência da neve. Senão elas começavam por ali abaixo, até se desfazerem.

Três lacraus

Uma vez, por causa de virmos de noite, mordeu-me um lacrau. Não havia caminhos, era os carreiros que nós vínhamos. E, então, eu era por uma levada que conduzia a água pelo Verão. A gente vinha por lá. Dos tais currais do Outeiro para casa. Mordeu-me um lacrau, eram umas dores, eu ia morrendo! Três lacraus que me morderam na vida! É uma coisa impressionante.

Um, era eu miudito, no Verão. Os gajos faziam uma casa, uma buraca de lacrau, mas eram muitas. Eu vi aquilo, comecei a escarafunchar com um pau a ver se o gajo saía. O gajo não saía e eu caio na asneira de meter o dedo. Olhe, deu-me um ferroada, ai Jesus!

De outra vez, íamos para um moinho moer. Havia os moinhos, mas cada noite moía um habitante. O moinho só moía de noite, porque de dia a água era para a rega. No Verão, no Ribeiro do Piódão, eles tapavam as águas para as regas e depois não havia. Deixavam-nas encaminhadas para dentro das fazendas. Chamávamos os açudes, para a água entrar dentro das propriedades. Havia muitos que eram conscientes. Outros não havia consciência, era só para eles. E nós íamos lá cortar, deitá-la abaixo nos açudes, porque havia muitos que não deitavam abaixo. E, então, eu ia para o moinho ao pôr-do-sol - lá está íamos descalços -, morde-me também um lacrau, qualquer deles. Um lacrau sai à noite para caçar alguma coisa para comer e eu calhei a pisá-lo. O gajo virou logo a ferreta. Foi umas dores terríveis.

"O prato do dia"

De manhã, o prato do dia era ir buscar um molho de mato às encostas. Depois arreava-se à porta do curral das cabras e ordenhavam-se. Fazia-se a ordenha e depois partia com elas para a montanha. Lá andava todo o dia. E só comia um bocado de broa.

Às vezes também se usava uma latinha de folha-de-flandres, assim pequenita, e aí ordenhava a cabra. Depois, numa fonte, aumentava leite à água. Migava-lhe a broa e comia. Era interessante. E há uma coisa importante: no Inverno, ferrávamos o leite. Ferrar o leite era fazer uma fogueira e punha-se lá uns seixos. Aqui há muitos seixos e aquilo, na fogueira, punha-se quase em brasa. Depois tinha lá o leite dentro, deitava lá os seixos e aquilo fervia de repente. Às vezes até deitava fora. Mas era muito gostoso. Ferrar o leite era uma maravilha. Um hábito, um costume, isso era tradicional aqui. Para além dessas serras que envolvem aqui o Piódão, já não era assim. Só os pastores aqui da Serra do Açor é que faziam isso.

Para comer era exclusivamente uma fatia de broa. Às vezes levava a tal lata. Levávamos aquilo ao ombro numa talega, que era feita de pele de cabra. É como os alunos levavam para a escola. Tinha umas pegazinhas, uma correia de cabedal, botava-se ao tiracolo e andava o dia todo com aquilo às costas. E só com uma fatia de broa lá dentro. Só à noite é que se vinha comer. Era muito duro.

Uma vida de pastor

Isto tocava sempre aos mais novos. Por exemplo: a gente tinha aí 7 anos, o trabalho era guardar as cabras, era pastor. Era interessante. Lá em baixo, na Foz d'Égua, há um alto e ali é que eram os currais. Nós partíamos dali com as cabras. No Verão, íamos com elas para o Soito. Elas habituaram-se de tal maneira àquela regra que a gente largava-as de manhã, nunca mais as via. Então, nós íamos pelos barrocos chapinhar na água e agarrar aqueles bate-cus. Era uns insectos e a gente andávamos lá a agarrá-los. Era difícil agarrá-los. Depois punha-se na água a bater o cu. Mas aquilo era só para a paródia.

Havia na aldeia aí um souto de castanheiros. Nesse tempo, o castanheiro predominou aqui. Era uma coisa importante. Havia muita castanha e fazia parte da alimentação das pessoas. Durante o Inverno, tanto piladas como verdes, aquilo fazia parte da alimentação. Lá, no local do souto, cada um tinha uma cama por cima de um medronheiro. Então ali dormíamos. Mas primeiro comia-se. No Verão, levávamos sempre a lata para ordenhar a cabra e comer o leite e elas estavam tão habituadas que chegavam ali e deitavam-se. E era preciso a gente

pô-las fora de lá que elas não saíam. Também não comiam mas, como estava calor, mantinham-se ali. A gente, às vezes, íamos lá deitar rama de castanheiro. Subíamos a um castanheiro e tirávamos rama para elas comerem. Depois de lá saíamos. Elas iam em frente ao Piódão, nos Penedos Altos. Íamos para o outro lado que era o limite do Soito da Ruiva, do Sobral Magro, porque havia muita mais erva do que deste lado. Deste lado era só o mato praticamente, a carqueja, a urgueira, aquelas que elas comiam mais. Era o dia todo. Até já vínhamos de noite.

Educação *Memórias da escola*

Eu entrei com 10 anos para a escola e fiz só até a terceira classe. A quarta classe já fiz em adultos, em Lisboa. Foi a primeira escola que fizeram em Chãs d'Égua, em 1931. Depois fazia falta ao trabalho e, por isso, é que me tiraram da escola. Por exemplo, o meu pai e a minha mãe andavam abraçados à agricultura, mas não conseguiam vencer o trabalho todo. Então, os filhos é que tinham de ajudar. E eu, naquela altura, com 10 anos já trabalhava. Eu comecei a ir ao mato ainda antes dos 7 anos.

Uma escola dolorosa

Os Invernos eram muito rigorosos. Eu recorro-me quando íamos à escola. Isto em 1931. Por exemplo, daquele lado, o sol anda lá por trás da serra, nem chegava a dar lá sol no Inverno. Era de noite a gear e depois era camada sobre camada da geada ali. De maneira que a geada criava ali mais de um palmo de altura. E a gente vínhamos de lá de baixo, da Foz d'Égua, à escola, aos Chãs d'Égua. Só quando chovia é que derretia. De resto estava sempre a aumentar. Era uma coisa dolorosa.

O primeiro professor

Eu tive o primeiro professor. Era de Óbidos. E chamava-se Alexandre de Almeida Casimiro. Com ele toda a gente tinha de aprender. E aprenderam. Todos passaram com ele. Era muito persistente. Mas o gajo batia por tudo e por nada. Com a palmatória de azinho de cinco buracos. E depois, ultimamente, era com uma vara de castanho ali na cabeça das pessoas. Era muito bruto.

"Cinco bolos"

Apesar de ser professor, passou-se um episódio comigo. Ele mandou-nos ao quadro. Era eu com os da quarta classe, por causa da tabuada. Ainda hoje me lembro como se fosse na hora. Começou pelos da quarta classe. Perguntou:

- "Seis vezes oito? Diz lá: seis vezes oito!"

Ele era assim.

-"Diz lá seis vezes oito! Tu, tu, tu."

Era para mim. Eu disse 48. Ele, então, diz:

- "Vêem suas bestas, seus burros! Um da terceira classe sabe e vocês não sabem nada. Agora dáis cinco bolos a cada um!"

Cinco bolos era uma palmada. Eu ainda não tinha pegado na palmatória, já eles estavam a chorar. Eu bati devagar, coitados. Cheguei a um primo meu, ainda foi mais devagar. Foi o último. E o gajo disse:

- "Agora vou eu te ensinar como é que se bate. Dá cá a mão!"

E eu está quieto. Não dava a mão. E ele agarrou-me a mão: era ele a puxar para lá e eu para cá, pum pum! A puxar de um lado para o outro. Mas ele, claro, tinha mais força, pôs-me a mão em cima do joelho e com a palmatória zás, zás, zás!

O plano

Eu fiquei tão indignado que disse para os outros alunos:

- Olha, eu hoje não vou mais à escola.

E eles, claro, se eu não fosse eles também não iam. Então, como é que a gente fez aquilo? Nós saíamos de casa. Havia um palheiro. No rés-do-chão dormiam as cabras e em cima, no primeiro andar, era onde tinham o pasto, as ramas do milho, o resto daquela rama que aproveitava-se tudo e ia para os palheiros. Depois, no Inverno, aquilo desaparecia. E, então, era o primeiro palheiro que a gente encontrava lá em baixo. Eu dizia:

- Então, nós temos de saber a hora em que passamos.

Para fazer que íamos à escola. O que é que eu faço? Faço um relógio de sol. Com uma pedra, faço um círculo, depois ponho lá os números, 12, com um buraco e um pau ao meio. Portanto, quando ali passávamos tinha de ser duas horas da tarde. Porque era tanta gente, 60 e tal alunos, que tínhamos sempre turnos. Isto é, por pequenos períodos, tinha de reduzir os períodos de aulas. Então, era às duas horas quando o sol ia rodando e a sombra do pau ia andando. E às duas horas saíamos dali a correr, como era sempre. Vínhamos lá de cima da escola a correr por ali a baixo. Nós, em cinco minutos, púnhamos lá em

baixo. A ver aquele que corria mais. Depois, a fazer barulho, aparecíamos na Portelinha. Chamávamos a Portelinha, onde se via a povoação. Era pequena a povoação. Íamos para ali fazer barulho, escola nada. Só quando o professor mandou recado para o meu pai é que ele me obrigou a ir à escola. Era eu, era também já as minhas duas irmãs, andávamos lá todos.

Se fosse agora levava meia hora mas, nesse tempo, a gente em pouco mais de dois minutos fazíamos o trajecto. Era sempre a correr, sempre a correr. Fazíamos pouco mais de cinco ou seis horas de escola. O professor, à noite, tinha os adultos também. Ainda lá andaram muitos adultos com ele.

Apesar disso, ainda hoje tenho saudades dele... Via que ele era um homem excepcional para ensinar. Ele ali martelava as pessoas, porque nós estávamos todos em bruto, ninguém sabia nada de nada.

A pena da galinha

Aqui ninguém sabia ler nem escrever. Só havia aí um indivíduo ou dois que sabiam. Esses é que faziam aí os documentos de compras e vendas, que faziam antigamente com uma pena de galinha, a caneta. É fantástico esta vida primitiva. Rachava-se a pena, que era a parte que estava na pele da galinha. Aquilo era rachado com uma faca e depois molhava-se. Mais tarde, é que já havia aquelas penas feita mais ou menos de uma folha-de-flandres, mas aquilo devia de ser aço. E, então, cada aluno tinha um tinteiro que era para molhar. Molhava-se aquela pena e depois escrevia. Acabou-se a tinta, tornava a molhar.

Percurso profissional *Memórias de 30 anos de trabalho*

"Com a trouxa às costas"

A primeira vez que eu saí de casa para ir trabalhar para fora tinha 14 ou 15 anos Fui para as Minas da Panasqueira. Eu saía lá de baixo, da Foz d'Égua, com a trouxa às costas. Eram duas horas a pé para as Minas da Panasqueira. Subíamos até à serra e, depois da serra, galgávamos vales e vales para chegar às Minas. Tínhamos de levar comer para toda a semana. Levávamos uma garrafita de azeite, as batatas, uma broa ou duas e a hortaliça. E depois cozinhávamos então aquilo. De maneira que andei lá uns tempos. Eu trabalhava cá fora na construção dos muitos pavilhões que se fizeram lá, em 1938, para albergar aquela

gente. Foi no período da guerra. Vieram do Norte, vieram do Sul, vieram de todo o lado para lá trabalhar. Eu andei na construção desses pavilhões. Fui para lá em Junho e cheguei em Setembro. Dormia na carpintaria, nas aparas da madeira. Para ver como era a vida das pessoas. Dormíamos lá num aterro. Fui eu e mais um rapaz. Eu disse para o meu colega:

- Eh pá, eu vou-me embora! Eu não vou aqui aguentar. Vem o Inverno e a gente, a dormir aqui à chuva e ao frio, molha-se todo de noite. Não pode ser!

E eu disse isso ao meu pai.

- Olhe passa-se isto assim assim... Vou-me integrar nas maltas que vão para o Ribatejo, para as herdades, cavar.

Por quintas e herdades

Havia uns indivíduos que contratavam pessoas. Era os jovens. Às vezes, iam chefes de família. Então, contratavam essa gente e iam trabalhar para o Ribatejo, para as grandes herdades. Iam nove meses. Iam para a vindima, depois para a apanha da azeitona e para a cava das vinhas.

Apareceu um indivíduo - chamávamos um manajeiro ou capataz - que depois lá comandava o rancho. Chamava-se a malta. Lá vou eu para a Quinta da Granja, do Duque de Palmela e aí andei um ano. Foi em 1938. Tínhamos de nos levantar de noite e eram duas horas a pé para o local de trabalho. Isto era em vários lados, mas era mais na Cova da Loba. Já ficava ao pé de onde queriam construir o campo de aviação de Ota. E, então, nós íamos para lá, para desbravar as valas. Para limpar as valas que conduziam a água para Vila Nova da Rainha, lá para o Tejo. Às vezes, íamos para a azeitona. Eles tinham muita azeitona. O Duque de Palmela tinha mais azeitona. Tinha um lagar lá na quinta e eu andei lá a trabalhar. Era meses e meses ali a trabalhar. Depois vinha a azeitona de todas as quintas. Ele tinha, ali em Tancos, várias herdades, quais quintas. Não se via o fim nem o princípio. Andei ali o primeiro ano e depois fui para o Marquês de Ponte de Lima.

Em 1939, eu fui com outro capataz para a Quinta do Marquês de Ponte de Lima - é lá do Norte - que era uma quinta enormíssima. Foi uma coisa terrível. Foi mulheres, raparigas, rapazes. Um capataz era tão besta que nos pôs a beber água da vala do arroz, água do arroz. Estava contaminado com micróbios, apareceu os febrões. Tudo a tremer com os febrões, que era as febres, chamavam as maleitas. Aquilo era uma coisa tão insuportável. A gente começava a tremer com frio. Estava uma hora a tremer e depois descarregava um febrão. A gente ficava ali como morto. Aquilo curava-se com quinino, umas cápsulas muito grandes.

Tomámos aquilo, mas muitos não conseguiram. Alguns morreram lá por causa disso.

Trabalho à jorna

Eu mais uns outros rapazes, quando chegámos ali a Março, diz ele:

- "Eh pá, vamos trabalhar aí à jorna!"

À jorna era ir lá para aqueles fazendeiros, que cultivavam as couves para vender em Lisboa e isto e aquilo. E, então, fomos trabalhar. Éramos quatro. Fomos primeiro para a Quinta de Santos Lima, que era ao pé do farol de Monte Agraço. Mas não havia trabalho nessa altura. De lá, tudo a pé, tornámos a voltar a perto de Alenquer. Depois voltámos outra vez. Dormimos uma noite no Carregado e atravessámos em Vila Franca para o outro lado de Samora Correia. Sempre à procura de trabalho. Não havia trabalho. Depois passámos por Benavente e Salvaterra de Magos. Já atravessámos numa canoazita, num barquito pequeno, que era um barqueiro que andava a fazer o transporte. Passávamos outra vez para a outra margem do Tejo, para a margem direita, que era onde estavam concentradas as tais herdades por onde tínhamos andado. E então onde é que fomos arranjar trabalho? No viveiro dos serviços florestais, na Azambuja. Depois ganhávamos 6 escudos. Ali andámos um tempo.

Depois houve lá um indivíduo que começou a dizer:

- "Eh pá, na Quinta dos Santos Lima pagam a 10 escudos por dia!"

E convenceram-me a ir para lá. Para lá vamos. Aquilo era a cavar vinha. Meu Deus, era mais de 200 pessoas a cavar! Depois havia aqueles, os desgraçados que calhavam no meio. Estavam perdidos. Juntavam-se lá em cima, num alto. Chegava a pontos que fazia um arco. Os das pontas foram fugindo. De maneira que os do meio cavavam, cavavam mas não saíam do sítio. Lá andámos uma semana. Chegámos ao fim da semana, diz lá o encarregado:

- "Agora, para a semana, homens a 8 escudos e mulheres a 6."

Também andavam lá mulheres a cavar. Hoje vá-se lá mandar cavar uma mulher. Nem esses jovens... A vida nesse tempo, meu Deus! E eu disse:

- Então, eu venho de deixar de ganhar 6 escudos num trabalho tão bom - que era uma espécie de jardineiros, ali a tratar das plantas -, mas agora também para lá não volto...

Construção civil e estaleiros

Fui para Lisboa. Estava lá o meu irmão. Vou trabalhar na construção civil, como servente, lá em cima dos telhados. Era com um indivíduo que só fazia

reparações lá nos telhados a remodelar caleiras e a tirar e pôr telhas. Mas aquilo lá era perigoso. Estive ali pouco tempo.

Depois vou para os estaleiros da CUF, para os Estaleiros Navais do Porto de Lisboa. Mas já estavam nas mãos do grande industrial Alfredo da Silva. Esse homem foi o industrial que, se houvesse em Portugal nesse tempo industriais como ele, não havia miséria em Portugal. O homem criou um património excepcional de várias coisas, de adubos, disto, daquilo. Tinha os sabões já também. Tínhamos 20 navios para ir buscar os vários cereais a África e depois descarregar ali. Tinha, então, os descarregadores de mar e terra, que era nas Fontainhas, em Alcântara. Os navios atracavam ali no cais de Alcântara e depois o pessoal ia ali descarregar por terra. Uns para um lado, aquilo era um movimento...

Mas eu fui para o porto de Lisboa e era construção naval. Ainda me recordo quais eram os navios que estavam em construção quando eu para lá fui. Era o Álvaro Martins Homem e o João Corte-Real, dois bacalhoeiros. Estive lá um ano, até 1942. Ganhava-se pouco, aí à volta de 8 escudos. Na construção civil eram 8 escudos também que se ganhava.

"No velho paquete Niassa"

Eu estive em Lisboa até vir à inspeção para a tropa, em 1942. Estava naquele período da Segunda Guerra Mundial e fiquei apurado. Assentei praça a 23 de Março de 1943. Depois, também a 23 de Dezembro do mesmo ano, embarcámos em Lisboa para ir para os Açores substituir aquela corporação que estava lá desde 1940. Já estava lá há quatro anos e nós é que fomos substituí-los. Embarcámos, então, a 23 de Dezembro de 1943, em Lisboa, no velho paquete Niassa. Era um paquete que levava milhares de soldados. Aqueles porões, que eram de carga, botaram tudo de beliches para levarmos os soldados. Fizemos beliches, uns iam em baixo e outros iam em cima. Aquilo ia para ali gente, ai Jesus! Ainda lá estive até 15 de Dezembro de 1945, quase três anos.

Um grande emprego, uma reforma pequena

A seguir eu vim para Foz d'Égua. Calhei a casar. Estive aqui um ano e voltei para Lisboa para o mesmo serviço onde estava. Parti para Lisboa para os Estaleiros Navais da CUF. Depois aquilo evoluiu muito. Eu estive 18 anos na Rocha Conde de Óbidos que era onde era os Estaleiros de Lisboa. Depois fizeram o grande estaleiro Naval da Margueira, do outro lado, em Cacilhas, e eu

fui para lá para o arranque do estaleiro. Lá estive com a função de planificador, num gabinete de planeamento e controle de oficina de construção naval.

Em 1976 reformei-me com aquela remodelação que houve dos governos, disto e daquilo. Depois, com o sindicalismo, formaram-se sindicalistas e comissões de trabalhadores e depois eles é que mandaram as coisas daquele lado dos estaleiros e tudo. Nós já ganhávamos tão bem, mas ficámos sempre a perder. Houve uma reunião de trabalhadores e os patrões propuseram uns ordenados bons. Não me recordo agora quanto foi. Mas eu ganhava 7 contos e quinhentos naquela altura. A diferença que é hoje. Eu governava a família toda, a casa, com três contos e apurava o resto. Hoje, está quieto. Não conseguem. E aqueles, os esquerdas, rebentaram com aquilo tudo. Iam ali os petroleiros. Vinham do Médio Oriente, ou da América, ou da Inglaterra ou do Norte da Europa, passavam ali, em Lisboa, faziam limpezas e reparações. Era a única ocupação do Estaleiro da Amargueira. As pequenas construções continuaram a fazer em Lisboa, apesar de serem estaleiros pequenos. Então, aquilo começou a enfraquecer e tal. Houve reivindicações do pessoal, das comissões de trabalhadores e ninguém angariava com ele. Não foi à falência, porque a repressão era só na construção naval. Mas tinham de estar calados porque viviam ali sob pressão. Eu já tinha 36 anos de casa. Fiz muito mal em me reformar, mas reformei-me. Com quanto é que eu me reformei? Na altura, com 4 contos. Ganhava 7 contos e quinhentos. Foi, por isso, que eu fiquei sempre com uma reforma muito pequena. As reformas não foram actualizadas em relação a percentagens. Uma percentagem pequena para os trabalhadores e uma percentagem muito grande para os políticos. Era uma chatices.

Casamento *Casamento pobre*

A minha esposa era daqui dos Barreiros e eu era de Foz d'Égua. Depois casei com ela. Era Maria Rosa. Já faleceu, coitada. O casamento era um casamento à pobre. Há terras em que iam ali bem ornamentados os noivos, mas aqui não. Mandou-se fazer um fatito, ela uma saiazita. Não havia dinheiro.

Tivemos quatro filhos. Nasceram aqui. Era uma casinha pequenina, alapada, onde ela vivia.

Mulheres sacrificadas

A minha mulher era filha única. A mãe dela veio do Lugar do Tojo. Aos dois anos foram-na buscar para aqui. Coitada, foi uma desgraçada. Vinte anos viveu com os avós, não recebeu nada. Quando partiram as terras não deixaram

nada, nada, nada. Foi só o que calhou à mãe. Nem pagaram ordenado, nem pagaram nada. Pronto, esteve aí e depois, claro, correu-lhe a vida mal. Abusaram dela, teve aquela filha e pronto. Não tinha marido, não tinha nada. Nem quem a defendesse, nem quem trabalhasse. Aqui toda a gente se dedicava à agricultura. Não havia outro emprego. Era de manhã à noite sempre a trabalhar na agricultura. E era sempre aquele ciclo. Tratar das cabras, tratar do porco, tratar das terras, sacharem, cavarem, por aí fora. As mulheres cá não cavavam, era só os homens.

Eu casei em 1946 e só em 1965 é que levei a minha família para Lisboa. De resto, ficaram sempre aqui. Porque no fundo as mulheres eram umas sacrificadas, coitadas. A gente vinha aqui só pelas festas. Durante aquele tempo que estávamos para fora mal chegava para nós comermos, para pagar a renda da casa e mandar uns tostões para eles sobreviverem.

Filosofia "*Amigo da natureza*"

Eu sou um amigo da natureza, que nós necessitamos muito dela. Nós, sem natureza, não vivíamos. Então, quando eu me reformei, e como aqui nos Barreiros não havia lugares, nem praças de hortaliças nem nada, deixei aqui tudo criado. Eu fiz uma plantação de árvores de fruto. Tinha 22 pereiras, macieiras era uma quantidade delas, pessegueiros, laranjeiras, limoeiros, toda a espécie, até quivis.

Depois, em 1988, houve aqui um grande incêndio. Ardeu-nos tudo. Começou ali na lomba, quando se sai para o Piódão, onde está um depósito, à direita. Outro dia, às dez horas, já tinha ultrapassado a serra. Uma força tremenda! Então, a partir daí, dediquei-me à plantação de medronheiros. Hoje tenho um património, que já cheguei a colher 1000 quilos. Não é nada 1000 quilos, mas há diferença. Ninguém plantou. Só eu é que plantei. Só eu é que sou o amigo de criar riqueza.

Medronheiros e rebanhos

Eu plantei o medronheiro, porque está em vias de extinção. Sem ninguém me alertar eu sei que está em vias de extinção, porque o fogo destruiu muitos. Mas antes disso também já estavam a declinar para a extinção. Antigamente, toda esta bacia geográfica do Piódão, até às Ponte das Três Entradas, era uma medronheira única. Havia nesses vales medronheiros com dez metros de altura. Aquilo era uma coisa fantástica. Hoje desapareceu quase tudo. Eu tenho medronheiros para 2000 quilos de medronho. Ora, se todos tivessem feito o

mesmo, ia aumentar mais a produção. Isso era um contributo para as pessoas aqui poderem viver com os rebanhos, rebanhos individuais.

Antigamente os rebanhos eram todos individuais, não era colectivo. Ali, no Piódão, estão a fazer umas instalações para um rebanho de 500 cabras ou o que é. Mas, claro, se fossem rebanhos individuais, são mais rentáveis na alimentação do gado, porque cada um alimentava os seus. Antigamente criavam-se os milhos, guardava-se toda aquela ramada em palheiros e depois de tirarem o milho semeavam ervas nas leiras. Havia aquelas ervas e tudo isso ajudava a sustentar os rebanhos. Agora, hoje, só do mato não, é impossível.

"Soou-me cá bem"

Foi o arquitecto Eugénio Correia que classificou a aldeia histórica do Piódão. Se não fosse ele, não havia Piódão, não havia turismo no Piódão. Eu falei muito com ele e ele comigo. Escrevemos um com o outro e ele dizia-me:

- "Senhor Fontinha, é preciso criar riqueza nas aldeias! Plantar árvores. Uma árvore que se plante é riqueza que se está a criar."

Aquilo soou-me cá bem e eu plantei 50 cerejeiras. Até mais mas, mais ou menos 50 cerejeiras. Só que não me deixaram... Arreventaram-me com o património todo. Fizeram-me secar as árvores com produtos activos. Queimaram-mas por dentro e agora só dão nas pontas. Outras já secaram. Um pandemónio.

Lazer "*Queda para escrever*"

Eu, ainda na escola, tive sempre muita queda para escrever. Tanto que até escrevo num jornal, na Comarca de Arganil. Tenho umas centenas de artigos. Por exemplo, eu não tinha papel, escrevia o que eu quisesse numa lousa em cima de uma laje das escadas que havia lá.

O livro

Eu sempre gostei muito de História. Sou muito curioso. Então, já foi tarde que eu escrevi, porque nós, quando trabalhámos, não podemos escrever, não há hipóteses. Escrever um livro carece de tempo, muita calma. Foi a partir de 2000, que eu comecei com a ideia de escrever um livro, porque já tinha muitos dados. Fui eu e a minha filha também me ajudou. Quer dizer, a matéria, as lendas,

era toda minha, mas o computador era ela. Ela é Presidente de Junta de uma freguesia. E então, em 2004, a 21 de Agosto é que foi o lançamento.

Tenho tantas lendas! Dos mouros, das pessoas de isto e daquilo.

O padre caçador

Houve um padre no Piódão que era de Vila Nova de Poiares e era um caçador. Ele dizia de manhã a missa ou fazia lá as suas orações e a seguir ia para caçar aqui atrás desta lomba. Porquê? Porque havia lá as tais cavadas e onde havia as cavadas havia perdizes. Porque as perdizes iam comer o centeio, governavam-se de centeio. E havia muito coelho. Antigamente havia para aqui coelhos e aos bandos de perdizes. Então, ele ia para lá. Mas aquilo ali era muito rochoso. Havia uns penedos muito altos e era de cima desses penedos que ele matava os coelhos e perdizes, sem andar a correr o mato. Pumba, pumba, pumba! Um dia descuidou-se, coitado, e cai do penedo abaixo. Então, ele começou lá a gritar. Foi em Foz d' Égua que souberam. Ouviam para lá gritos, mas ele já não se podia mexer. Foram para o outro lado da ribeira observar onde vinham esses gritos. Viram que eram lá dos tais rochedos. Então, foram lá buscá-lo. Mas coitado, aquilo era muito alto. Fracturou a espinha de uma tal maneira que morreu disso. Se calhar ainda foi nesse transporte que deram cabo dele. Hoje há o cuidado de ver como está o doente ou o sinistrado. Se está fracturado as espinhas, se está um braço partido e, então, é imobilizado logo ali no local. Mas nesse tempo não. Chegaram lá, levantaram-no de charola às costas - tinha de ser às costas -, acabaram com ele. No dia seguinte, morreu no Piódão. Depois partiram do Piódão duas pessoas para irem a Vila Nova de Poiares dizer à mãe que o filho estava doente. Não lhe disseram que tinha morrido. Então, a mãe vem mais não sei quem e, quando chegaram aos Penedos Altos, lá na serra, avistaram o Piódão. A mãe viu a casa iluminada pelas janelas, disse:

- "Já morreu o meu filho, o meu filho está morto."

Chegou lá e esteve meia hora em cima do filho a chorar. Só quando o retiraram de lá é que ela deixou o filho. Foi enterrado no cemitério do Piódão. Foi verdade porque, isto não é mentira. Há lendas que podem estar um bocado atrofiadas, mas aquele não. Ele usava uns sapatos de biqueira afiada. Os padres tinham reservado lá um canteiro para eles e, então, apareceram os sapatos ainda intactos. Isso era do padre Pinhanços, mas eu andei à procura do nome do padre Pinhanços e não encontrei. Não sei. Ainda fui a Vila Nova de Poiares ver se recordavam do padre Pinhanços e tal. Como ele andava para aí pelos montes, que fosse uma alcunha. Nunca encontrei registo dele. Encontrei registo de 39 padres que passaram pela freguesia do Piódão. Só não encontrei o nome dele.

Esta é uma lenda que andava aí, mas já em poucas pessoas. Só um senhor de Chãs d' Égua, que era pai do senhor Manuel de Sousa, esse é que relatava tudo, tudo, tudo. Era um histórico. Um lendário, assim é que é.

O condão do lobisomem

Os lobisomens era assim: dizem que aquilo era transmitido de uns para outros e que havia um sujeito que tinha um condão de lobisomem. O lobisomem chegava àquela hora da noite e tinha de percorrer sete freguesias. É verdade. Andava muito, mas houve factos disso.

Uma ocasião, no Verão, o pai da minha mulher (que era de Foz d' Égua) dormia cá em baixo ao pé da ponte. É onde está aquela represa, que um indivíduo de Lisboa vem lá reparar aquelas casas. Onde são as casas eram palheiros e tinham lá as vacas. O único aqui na região que teve vacas, era um tal Manuel Ribeiro. Ele estava lá a dormir e, a certa altura, ouviram ali naquela calçada um barulho! As ferraduras a fazer faíscas! Mas eles atribuíram aquilo aos machos do Manuel Pacheco. O Manuel Pacheco é um indivíduo do Piódão que tinham os machos para acartar as coisas de mercearia e tal, para pôr lá a vender. Mas depois procuraram-no e disseram que não senhora. Que ele não passou lá.

Aquilo já não voltou, prosseguiu para outras freguesias. Mas houve um indivíduo, um afilhado dele, que tinha esse condão. Ele pôs-se na varanda com uma agulhada de bois e, quando o indivíduo ia lá a passar, ele picou-o. Diz que era assim que tiravam aquele degredo. Que aquilo era um degredo que os gajos tinham. Ele só disse:

- "Obrigada meu padrinho!"

Mas há muitos mais. Eu é que não me lembro muito bem, é muito difícil.

História Terras do planalto

Foz d'Égua era o ribeiro de Chãs d' Égua.

A Chã é ao cimo de Chãs d' Égua, num planalto que há ali. Antigamente, os homens do Piódão Velho tinham as éguas e levavam-nas para lá pastar. As éguas estavam tão habituadas a ir para lá que soltavam-nas lá no Piódão Velho e, à noite, ao som de assobios elas regressavam. Então, vem dali o nome da Chãs d'Égua.

O General

A Chã tinha tanta água e crescia tanto as ervas que o General Junot, quando passou aqui na Serra do Açor, na estrada romana para ir a Lisboa, para derrubar a monarquia, veio ali acampar. O General veio albergar-se aqui em baixo, na Foz dos Barreiros, lá onde está o Raul, em casa de uns tais Luís que havia lá. E porquê? Porque o General não sabia se havia a Foz dos Barreiros, se não havia. Porque os franceses exploraram as minas de Chãs d'Égua. Exploraram ou estavam a explorar quando Napoleão invadiu a Península Ibérica. Então, os engenheiros foram chamados para guias, porque eram eles que conheciam o trajecto daqui para a França. Foram eles que deram indicação que ali é que era o local ideal para acampamento, porque havia águas para se lavarem, para dar aos animais e tal. Lá, nas Foz dos Barreiros, havia umas raparigas. Eles davam-se muito bem com elas. Então, foi ali que eles mandaram albergar. As coisas não são por acaso, é verdade.

Lugar *Uma terra muito fértil*

Os truques da aguardente

A aguardente de medronho é assim: a gente apanha o medronho, põe em barricas. Eu tenho barricas de 150 quilos. Antigamente era em dornas de madeira. As barricas era mais fácil. Apanha-se o medronho quando eles começam a amadurecer. Depois fica a fermentar até Janeiro mais ou menos. Aquilo está cozido, fermentou. Por exemplo, os antigos chamavam cozer à massa de medronho. A gente deita a massa dentro do alambique, mas é diferente do bagaço. A gente põe lá dentro o cardaço ou o bagaço, como dizem, e põe-se-lhe a cabeça e lume por baixo. Ele depois começa a ferver e começa a deitar aguardente. O medronho não. O medronho dá muito trabalho, mete-se a massa dentro do alambique e é preciso estar a mexer até ferver. Quando estiver a ferver, a pessoa tem de conhecer muito daquilo, porque senão pode pôr-lhe a cabeça antes ou depois. Só a partir de que ele esteja a ferver bem é que se põe a cabeça. De maneira que é preciso estar sempre a mexer, a mexer, a mexer, a mexer a massa lá por períodos pequenos. Até há duas maneiras de saber quando é que se põe a cabeça. O pau com que se mexe está sempre dentro. Depois vai-se apalpando o pau. Quando ele esquentar, está pronta. Ou, então, quando a bafa do

alambique for direita. Isso era o método antigo. Mas o meu método é diferente. Eu vejo quando ela está mesmo a ferver: começa a fazer barulho. Põe-se-lhe a cabeça. Naqueles alambiques tradicionais, é preciso muito cuidado. Tem de reduzir logo a fogueira. Aquilo que se costuma fazer é: com a mesma cinza das fornalhas, umas vezes para as outras, a gente abafa-a. Ou então abafa-se a fogueira com torgas do mato ou paus verdes. Porquê? Porque senão a massa ferve e sai lá no cano. É uma alambicada estragada. Por isso é que se diminuía a fogueira. Pronto, aquilo não pode deixar de deitar fumo. Têm que deitar, estar ali a deitar devagarinho. Sente-se aquela lenha outra vez, tem de se estar sempre a abafar. Senão começa a deitar muito e depois sai com mau gosto.

Agora apareceram os alambiques de serpentina. No cimo da cabeça, tem um depósito com água e tem a serpentina num tambor. Vai saindo a aguardente ali clarinha. Tem de sair cristalina e fria. Aí é que é importante porque, se se deixa correr muito, sai quente. Tem de sair fria.

"A aparição do milho"

Antes da aparição do milho, em 1492, só se vivia do centeio. O cereal que era semeado aí nas encostas da serra, em altos e baixos, era o centeio. Não havia outra produção. Quando apareceu o milho, as pessoas viram-se na necessidade de ter um trabalho extenuante, uma coisa fora de série para construírem os socalcos. Era preciso arrancar rochas e fazer paredes, porque os terrenos são tão elevados que não se podia subir. Tinha-se de arranjar um plano para semear o milho. Então, como era elevado faziam os socalcos, vários planos, paredes e tal.

A cultura do milho era muito difícil. Aquilo era uma cadeia. Primeiro, quem queria ter milho tinha de ter a sua cabrada e quem tinha a cabrada tinha de ir à serra para ir buscar o molho de mato às costas, que era o único meio de transporte que havia. Era tudo manual, não havia nada, nem burros aqui funcionavam. Os caminhos eram tão difíceis. A elevação não permitia isso. As pessoas é que tinham de fazer tudo pelas suas próprias mãos. Portanto, iam à serra buscar o mato para as cabras irem amassar. Faziam o estrume e o estrume era acartado às costas, em molhos, para as fazendas. A cultura do milho dava muito trabalho. Tinha de haver estrume, senão não produzia nada. E água. A água era importante. Era essencial para a cultura do milho. Se não houvesse água, não se criava nada. Tiveram que fazer estes socalcos para arranjar um plano porque, se fosse inclinada a terra, a água ia-se embora, passava e não se entranhava na terra e o milho não se dava. Portanto, isso foi a razão de fazerem esta grande obra dos socalcos por aí fora.

Do cultivo à colheita do milho

O meu pai e toda a família estavam dedicados inteiramente à agricultura. À cultura do milho. Só a cultura do milho dava o que fazer para todo o ano. Começava-se por cavar as terras à enxada, em grupos, malta de três, quatro ou seis. Cavar as terras era um trabalho muito duro. Começávamos em Março. Depois começava a sacha do milho. Depois da sacha, ali no princípio de Julho, começavam as enleiras. Enleirar é uma coisa interessante. Em sítios, por aí pelas terras baixas, aqui para o lado da Serra do Açor, era diferente. Aqui a enleira era: primeiro tinha de se aplanar a terra bem, não podia ter altos e baixos. Depois, daquele estrume do mato mais novo, que não fosse tão grosso, tão velho, fazia-se um empalho. Empalhar era estender aquele estrume por cima da terra. Traziam as águas por levadas. Havia levadas de muito mais do que 1 quilómetro. Depois era uma pessoa a cortar a água - chamavam o cortador da água. Ela, depois, nas leiras seguia por um rego, saía fora da levada principal. Havia um. Chamavam os tornadoiros. A água caía na propriedade da pessoa e depois era encaminhada pelo rego junto à parede. A parede era sempre a parte de cima. Depois havia um cortador da água e os outros, batiam na terra, calcavam a terra. Era calcar o estrume. Aquilo tinha a finalidade de segurar a água, porque senão a água passava e não regava. E assim a água retinha-se, embaraçava-se naquele estrume e aquilo ia correndo devagarinho e ia entranhando na terra.

A colheita do milho era em Setembro. A gente íamos cortar o milho. Noutros lados não era assim, tiravam só a espiga. Nós não. Nós cortávamos a cana rente à terra. Depois juntava-se aquilo às palheiras num monte e depois é que se fazia a desfolhada em volta. Nós nem chamávamos a desfolhada. Aqui era descamisar o milho. As desfolhadas era ali mais para o Norte. Aqui não, era descamisar o milho. Então, rasgava-se o folho que envolvia a espiga e pimba, zai, zai! Era todos ali, mas era a correr. Aquilo era esfarrapar os folhos e atirar a espiga para uma cesta ou, então, estendia-se lá uma manta velha e botava-se para ali. Depois até se enchiam e botava-se na cesta. Nem sacas havia, não havia dinheiro para comprar sacas. Era uma coisa tramada.

A lei do mais forte

A ocupação das pessoas, a partir de Julho até Setembro ou Outubro, era nas regas. Isso era um trabalho terrível também. Não era pesado, mas a pessoa tinha de passar ali o dia todo. Por exemplo, na ribeira do Piódão, não havia poços porque a água era muita e dava para regar aí águas correntes. Nós aqui, por

exemplo, já não. Já havia oito represas para regas. De maneira que durante a noite estavam a encher e depois de manhã iam deitá-las para regar.

Primeiramente as regas não tinham divisão e houve muitas desavenças por causa disso. A rega era do primeiro que chegasse lá. No Piódão, foi sempre assim. Às vezes já lá havia controle. Iam regar de oito em oito dias. Enfim, uma maneira de respeito uns pelos outros. Mas aqui não. Aquele primeiro que chegasse é que regava de manhã.

Do conflito à harmonia

Houve um indivíduo - chamavam-lhe o João Grande - que era um gigante. Como ele era muito possante, acabava sempre por regar aí. E havia um curral lá ao pé das terras dele, na barroca. Então, era o primeiro sempre a regar. Os outros, coitados, viam o milho a secar. Depois envolveram-se aí em conflito e ele a bater-lhes. Ele era grande, tinha força para isso, batia nos outros. Depois foi para Tribunal, para Arganil. O juiz lá fez uma divisão das águas, de acordo com a terra que tinham, por horas. Um tinha duas horas, outro tinha dois dias ou três, conforme a terra que tinha. E, a partir daí, então já houve um controle das águas e já houve mais harmonia. Cada um regava o que o juiz determinou. Foi por sentença e fez uma escritura. Essa escritura era de 1867.

O guarda-rios

Em 1960, um guarda-rios veio aqui para fazer pagar e fazer explorações nos ribeiros. E até fui eu que tratei disso. Nessa altura, estava em Lisboa e sabia que a escritura dava a possibilidade de os agricultores fazerem as poças sem pagar nada. E ele queria que eles pagassem. Eu fiz uma exposição à Direcção-Geral de Hidráulica de Lisboa. Falava-lhe que não havia razão para que fizessem pagar aos agricultores, já por si vivendo tantas dificuldades, porque a escritura de 1867 dava autorização para eles fazerem as poças no leito dos ribeiros. Depois foi um indivíduo que vivia lá em Lisboa entregar a escritura e desapareceram com a escritura. Um documento daqueles. Só que eu tinha copiado aquilo tudo da parte da divisão das águas, que diz fulano tal era detentor tantas horas. Ainda lá fiquei com aquela parte. Senão não havia nada. Mas só eu é que tenho. Mais ninguém tem.

"Uma coisa impressionante"

Aqui, o único cereal que se criava sem água era o centeio. O centeio era no Verão. Ali a partir de Março e depois Primavera, eram as cavadas. Em qualquer lado que houvesse uma cavada de centeio tinha de ter giestas. Aquilo só produzia de sete em sete anos, porque o estrume daquelas giesteiras davam folhas. Traziam e iam secando. Depois, na altura, quando se queria realmente cavar a terra, já estavam sete anos passado. Havia muito estrume e era cortada a giesteira. Eram uns a cortar as giesteiras, outros a cavar e eram estendidas em cima da terra. Era uma coisa impressionante. Se calhar, a cultura do centeio aqui era única pela forma que se fazia. Mas também se fazia noutros lados por cavadas. Aqui na Beira Baixa era só o mato, não havia giesteiras. O mato era os arbustos das sabugueiras e a carqueja. Então, cortavam esse mato, ardiam e cultivavam centeio com boa produção. Nós aqui, na região do Piódão, nesta bacia geográfica, era a giesta. Então, quando era para cavar a terra, ia-se cortar as giestas. Depois, à medida que ia estando cavada a terra, iam uns a cortar à frente, outros iam atrás a cavar e depois a estender a giesta em cima da terra. De maneira que depois, em Agosto, pegavam-lhe fogo. Aquilo já estava tudo seco, ardia até à terra. Criavam aquelas cinzas da queima. Era o único adubo, ninguém deitava adubo artificial nas terras. O único adubo era a cinza daquelas giestas e daquele estrume que já lá havia. Em Setembro, que era no mês das águas, semeavam. Depois nunca mais ligavam importância ao centeio, lá se criava sem mais trabalho. Só depois ia-se ceifar em Julho.

É memória que está aí mas abandonada evidentemente. Hoje já ninguém cultiva centeio, ninguém cultiva nada. Porque a evolução da vida, da indústria e tudo anulou o trabalho que fizeram os antepassados.

"A alma do desenvolvimento das populações"

Do milho fazia-se a broa. E depois o milho tinha de ser moído como o centeio, o que deu lugar a fazer muitos mais moinhos movidos a água à beira das ribeiras. O milho era importante, porque quem não tivesse milho não sobrevivia. As povoações de milho até essa data eram poucas. Havia pouca gente e o milho é que veio dar a alma ao desenvolvimento das populações. Então, fazia-se a broa. Havia terras que tinham fornos comunitários como o Chãs d'Égua. Aqui, nestes povos agregados, não havia comunitários, havia individuais. Uma expressão da gente daquele tempo era: "casa que não tivesse broa já não havia alegria". Metade

da alimentação era com a broa. A pessoa tinha fome, partia uma fatia de broa e comia. Porque a vida era difícil nesse tempo. Só se cultivava milho à beira das ribeiras. Para além disso, não se cultivava milho, era impossível. O milho é um cereal que carecia de muita água, de muito estrume e, então, tinha de ter muitos rebanhos. Cada lar tinha um rebanho.

"Uns tostões"

O rebanho servia para fazer o estrume para a cultura do milho. Davam leite, davam queijo e davam a carne. Se bem que a carne, regra geral, pouco matavam a rês. Era só pelas festas. Havia indivíduos que vinham aí comprar a rês e eles precisavam de dinheiro. Era onde faziam apenas o dinheiro, porque outra coisa não. Não vendiam cereal nenhum. Só vendiam uma cabra, ou duas, ou as criações, depois em Junho. E dali é que arranjavam tostões para comprar as linhas, as agulhas, etc. etc. para as costureiras coserem as roupas. Porque hoje aparece um furo numa calça, deita-se fora. Mas, nesse tempo, não. Nesse tempo, umas calças duravam anos e anos. Porquê? Aparecia um buraco deitavam-lhe um remendo. Chegava-se ao ponto que era só remendos, da frente, de trás. Botas não havia. Era descalços. Iam buscar o mato às encostas descalços. Eu só tive botas depois, mais tarde, quando parti daqui para os ranchos.

Na cave, era onde toda a gente guardava a carne de porco. Os presuntos eram sempre vendidos para comprar o porco para o ano seguinte. É verdade. Não havia dinheiro. Não havia possibilidade. Se comesse os presuntos, não arranjava dinheiro para comprar outra vez o porco. De maneira que era uma vida primitiva. Foi uma vida de muito sacrifício para esta gente.

Uma feira sem dinheiro

A feira da Lourosa, que era a única feira mensal na região, que fica aqui a muitos quilómetros de distância, era onde se ia buscar o porco, o sal e a sardinha. A sardinha era o único conduto que aqui comiam. Não havia bacalhau. Não o comiam, não tinham dinheiro para o comprar. Essa feira foi criada em 1343. E funcionou 200 anos sem dinheiro. Só em 1514 é que começou a funcionar com dinheiro, Não havia permutas a dinheiro. Levava uma coisa para trocar, trocava. Por exemplo, aqui levava o queijo e levava as castanhas e trocavam as castanhas por outro artigo que eles tivessem. Às vezes por feijão, ou grão. O grão aqui não se dava. Ia lá à feira e trazia, por sal ou um porco. É interessante. Foi no tempo do reinado de D. Manuel, que ele concedeu o segundo foral a Lourosa, que começou

a funcionar com dinheiro. Depois, a região já era melhor. Já arranjavam uns tostõezitos. Também iam lá trocar as éguas. A propósito os de Lourosa diziam:

*"Homens do Piódão Velho,
Homens de um grande tesouro,
Vêm à missa a Lourosa
Com as suas esporas de ouro."*

Aqui, no Piódão, era a venda das cabras e dos cabritos. Vinham indivíduos de fora comprar. Levavam aos rebanhos. Iam lá para trás da serra, traziam de lá rebanhos de mais de 100, 200 cabras, que iam comprar. Havia aqueles compradores de gado. Depois passavam por aqui, iam para a Ponte das Três Entradas, lá para o Duque de Várzeas e de lá despachavam-nas para outros lados.

"Tempos primitivos"

No meu livro, tenho um episódio de uma senhora que foi pela primeira vez a Lourosa. Havia pessoas que nasciam e morriam aqui sem nunca ultrapassarem a serra. Não conheciam mais nada do que este bocado de céu. Tudo o que via, tudo para ela era uma admiração. Quando chegou a Lourosa, aproximou-se da Feira. Já ouvia os vendilhões de sardinha. Sempre fizeram muito barulho:

- "Compra-me a mim, ó freguês! Compra-me a mim!"

Era um alarido terrível. Ela, quando chegou à feira, diz:

- "Louvado seja Deus! O que o mundo é de grande! Para além de Lourosa, ainda há casas!"

A admiração dela, porque em Lourosa ainda havia casas. É para vermos o isolamento das pessoas. Só saíam daqui para ir à feira. De resto, não saíam. Aqui nasciam, aqui morriam. Isto era o isolamento em que viviam. Por isso é que, em 1950, mais ou menos, desenvolveu-se o regionalismo em Lisboa e aqui nas aldeias. E foi o regionalismo que acabou com o isolamento. Aqui tudo era primitivo, nada estava alterado da Natureza. Não havia telefone, não havia água canalizada, não havia estradas, não havia escola, não havia coisa nenhuma. Vivia-se como os primitivos tempos.

Ir à feira de Lourosa é um pormenor importante. Subiam à Serra do Colcorinho, lá adiante. Depois iam até Avô e dormiam em Avô. Havia lá uma senhora, chamada dona Aninhas, que tinha um palheiro. Ali é que dormiam todos a monte. No dia seguinte, levantavam-se bem cedo e iam pela estrada romana. A estrada romana não era aqui. Era a partir do outro lado da serra, em Vila

Pouca da Beira. Porque as estradas romanas passavam na cumeada das serras. E então, de manhã, levantavam-se bem cedo, chegavam à feira, faziam as compras. Depois traziam tudo às costas, 1 alqueire ou 2 de sal, a sardinha às costas. Uma quantidade de quilómetros. Da serra para baixo é tudo a descer. Mas, depois de Avô para cima, para irem para Lourosa, era tudo a subir. De maneira que, se para lá subia e descia, para cá era a mesma coisa.

A minha sogra foi vendedora de sardinha. Ia lá buscá-la às costas, uma caixa. Depois ia vendê-la ao outro lado da serra do Açor, àquelas aldeolas. Corria todas as aldeias aí a vender a sardinha. Que sacrifícios essa gente não passava.

A luz e o lume

A luz era a candeia de azeite. Já não era a vela. No meu tempo, em que funcionou a candeia de azeite, já havia lagar, já havia azeite. A vela ou as tochas foi em tempos muito mais recuados. E então, mais tarde, veio a insuportável lamparina de petróleo. Deitava um cheirete e fazia uma poluição dentro das cozinhas. A gente chamava cozinha, mas era nas lareiras. À noite toda a gente se sentava à volta da lareira. Ali se comia, ali se passava o serão. E com aquela porcaria da lamparina a petróleo a poluir o ar puro desta região.

Para a rua era a lanterna com azeite. Tinha uma torcida de pano branco que depois metiam lá dentro. Eu ainda devo ter uma lanterna lá do artesanato. Tinha vidro por fora por causa do vento não apagar. Para ir de casa para casa era assim. Aquilo era uma escuridão que não se via nada onde pôr um pé.

Depois o lume: não havia dinheiro para fósforos. Os fumadores era com a cinza da lareira. Amassavam a cinza com o pano onde se fazia a torcida e depois punham num tubozinho por dentro com uma pedra e com o pedisco. Uma coisa fantástica. Então, os fumadores batiam no seixo. O seixo fazia faísca e acendiam aquele pano. Era assim que acendiam o cigarro. Também, já no meu tempo, havia o isqueiro a gasolina.

Água da fonte

Não havia água em casa, pois claro. A água ia-se buscar longe, às fontes. Hoje toda a gente tem água em casa mas, nesse tempo, não. Ia-se buscar e era com um cântaro de barro. Lá se partia o cântaro de barro, já não havia um cântaro para se trazer a água. Eu tinha de trazer na ferrada. Havia umas latas quadradas - parece que era de banha. Depois pregava-lhe um pau no cimo e era assim que levavam água para o porco, as lavagens. E às vezes, quando não havia cântaros, era nessa lata que iam buscar a água.

Eu, muitas vezes, vinha do mato, lá da serra para baixo, já carregado com um molhe às costas e passava pela fonte. A minha mãe ia no caminho com o cântaro, eu tirava-lhe o cântaro da mão e ia buscar a água.

Animais perigosos

Aqui, na região, dos bichos que são venenosos e que são perigosos tem o lacrau. Tem umas pernas à frente e um rabo com uma ferreta. Os gajos, se o pisarem vira logo a ferreta e pumba! E é venenoso. Uma pessoa não morre. Tem é muitas dores enquanto o veneno não perde a acção. Tem a víbora e o víbora. A víbora é como uma cobra. O víbora também é como uma cobra mas é mais curto. É o bicho mais terrível que há aí. Se ele morder, a pessoa morre instantaneamente. Eu vi uma cabra morrer com a mordidela de um víbora. Deu um berro, saltou ao ar, caiu e no chão ficou. Depois inchou, inchou. O veneno faz inchar uma coisa terrível. Mas há mais uns bichos. Há o alicranço cá também e havia um outro bicho que diziam eles que era o corropio. É um bicho grosso e, quando ele mordida, também morre instantaneamente. O tal corropio dão-lhe outro nome.

Episódios da bicharada

Contaram-me, quando eu era pequeno, que o indivíduo estava a tirar o estrume do curral das cabras. Aquilo é tirado com um sacho de ganchos, com dois dentes. Espetava e puxava. Espetou e veio um bicho espetado num sacho de ganchos. Mas, claro, o bicho morreu. Isso era os bichos venenosos.

Mas das aves também tenho um episódio. Eu ouvia ao amanhecer uma gritaria, um gaio a gritar ali para a estrada. Já havia a estrada, foi há poucos anos. Foi em 1980 e pouco. Eu vou lá ver o que era. Então não era um gavião e o gaio! Estavam ferrados um no outro. O gavião fitou o gaio para o comer e o gaio também não foi bom e ferrou o gavião. Estavam os dois engatados de tal maneira que não se separavam. Eu agarrei neles, trouxe aqui para a cozinha e aqui é que os separei. O gaio morreu. O gavião deve o ter filado de tal maneira que ele morreu. E depois deixei estar o gavião e morreu. Morreram os dois.

Ontem contou-me uma passagem. Uma águia aproximou-se do ninho dos corvos. Pois os corvos deram uma tareia na águia que ela foi subindo, foi subindo. Veio de lado e, pimba, uma mordidela! E ela, também a berrar, subiu, subiu e foi assim que se viu livre dos corvos. Ela aproximou-se que queria ir lá buscar os filhos. Isto é o instinto das aves. Todos os animais têm os seus porquês.

A luta continua

Chãs d' Égua tem os melhoramentos essenciais para a sobrevivência das pessoas, da pequena comunidade que vive cá. Temos aqui uma estrada em cima, uma estrada panorâmica, que foi aberta pelos serviços florestais. Em 2006, quando o Piódão ficou destruído, uns dias antes, caiu aqui uma trovoadas que arrasou tudo. Destruuiu os aquedutos todos, as estradas intransitáveis que nunca mais ninguém as recuperou. Eu faço parte dos compartes e tenho lutado pela recuperação e por alargar, porque aquilo ficou um caminho estreito. Nós queremos alargá-lo, porque os bombeiros não entram lá com o medo. São 8 quilómetros que serve Chãs d' Égua e Gondufo, que é uma povoação que há ali atrás da lomba já no concelho de Seia. Então, é mais ou menos metade para cada lado e nós, os compartes de lá e daqui, tem lutado por essa recuperação e alargamento. Só que a Câmara não quer fazer o alargamento. Até agora, já lá vão dois anos, não recuperou a estrada. Isso é a minha maior aspiração neste momento. Era recuperar e alargar aquela estrada para que pudesse passar dois veículos um pelo outro. Os bombeiros não se metem lá e aquilo, sempre que há um fogo, é sempre a arder. Eles não podem passar, o caminho é estreito e não dá. Se houver um problema não passam uns pelos outros. Então não vão pôr a vida em perigo. E nós, tanto Gondufo como os compartes de Chãs d'Égua, temos lutado. Aliás, o Gondufo já fez 75% lá com uns dinheiros que conseguiram arranjar. Mas agora estão em problemas, porque também não têm mais dinheiro. Estão a lutar com a Câmara de Seia para que se faça o alargamento da estrada. Até porque é uma estrada panorâmica e é muito boa para o turismo e tudo. Aquilo é muito bom. Não há outra estrada aqui de alternativa àquela estrada de alcatrão. Porque se houver um problema na estrada de alcatrão, ou para reparação ou uma catástrofe, não há alternativas senão esta. Esta estrada é muito importante. Era muito importante fazer-se o alargamento para duas faixas de rodagem. Só que a Câmara tem estado renitente nisso. Agora vamos lá ver. Diz que vão fazer recuperação, mas o alargamento ainda não está decidido. Vamos lá ver o que é que a coisa vai dar.

Podem, mas não querem...

Aqui tinha condições para viverem alguns casais. A pastorícia, o azeite, os medronhos... Mas, claro, havia condições mas ninguém quer vir para aqui. Os jovens não há e, se há, empregam-se na indústria ou no comércio. Ninguém trabalha na agricultura. Ora, aqui agricultura é que podia. Está provado que um

rebanho de oito ovelhas mais duas ou três cabras com mais o que eles aqui cultivassem dava para sobreviver um casal à vontade. Mas quem é que quer actualmente dedicar-se a isso? Ninguém. Portanto, isto vai ser mesmo absorvido pela floresta.

Ora, criaram-se os compartes mais para proteger, para tomar conta da floresta já em colaboração com os organismos florestais e regionais. Mas, claro, chega-se a certa altura, nós já temos dificuldade que nem sequer temos gente aqui para formar o Conselho Directivo, que são doze. O Elenco Directivo é uma Assembleia. São quatro. O Conselho Directivo três e a Comissão de Fiscalização quatro. Nós não temos já gente para isso. Portanto, quando os compartes já não tiverem para isso, morre tudo. Acaba tudo.

Aqui só estrangeiros, porque nacionais não querem vir para aqui. Quem é que quer vir para aqui, para uma terra que não pode trabalhar uma máquina para lavar e é tudo à enxada à mão? Quem é que?

Pessoas Grupo Gerações

Nós chegámos a ter uma rapariga em Lisboa que fundou um grupo, o grupo Gerações. Essa rapariga chegou a ir ao estrangeiro com o Grupo de Cantares. Era ela e o marido. Eles vinham cá actuar a Chãs d'Égua. Foram actuar em todas as aldeias daqui da região e ao estrangeiro. Foram ao Brasil também. Tiveram uma grande expansão. Aquilo era como a juventude que havia. Os ranchos folclóricos funcionam com a juventude. Só que depois, lá em Lisboa, uns começaram a casar, isso é assim. Mas a juventude falha sempre. Porque, se casando, o marido diz que não vai, ela também não pode ir aos ensaios e às actuações. De maneira que chatearam a rapariga que tanto trabalhou, que levou o nome da terra bem alto. Chatearam a rapariga de tal maneira que ela ficou doente. Saiu de directora do grupo e ele acabou.

Costumes A importância das festas

As festas eram interessantes no meu tempo. A gente não faltava aqui a festa nenhuma até 1951. Eram umas festas folclóricas. Vinha muita gente aí da região. Depois havia aqueles leilões. O regionalismo funcionou com os leilões. Com as Comissões em Lisboa, aqui com as cotas dos seus associados, mas isso era pouco. Com excursões, piqueniques, isto e aquilo, com esse dinheiro é que a gente fazia as obras. E, então, juntava-se aqui muita gente. Contratavam, umas vezes o rancho folclórico, outras vezes era grupos musicais também. Enfim,

vinha aí gente de todo lado, dessas aldeolas, cá a Chãs d'Égua. Isso teve muita importância, mas depois acabou tudo. Isto foi enquanto eu estive na Comissão de Melhoramentos. Depois entrou um outro indivíduo, nunca mais foi aquilo que era. Levaram a Comissão de Melhoramentos à taxa zero.

Iniciou-se o regionalismo, porque criaram-se as Comissões de Melhoramentos, que trataram do progresso e do desenvolvimento das estradas, da luz, da água, das escolas, do cemitério. Eu fui o grande pioneiro dessas coisas. Em tempos, quando era preciso acartar tudo às costas, os materiais para aqui fazer as obras. E fizemos uma conduta de 4500 metros. Trouxemos água lá do cimo de Chãs d'Égua, da serra. Depois, de lá, distribuímos pelos povos de um lado e do outro da ribeira.

Avaliação "Revelar a situação destas aldeias"

De momento não posso apreciar nada, mas acho que sim senhora. Se é de acordo com o que tem aí dos livrinhos que vão escrever por cada pessoa, acho que é um bom trabalho. É um trabalho que me parece ser com utilidade e que pode e vai revelar a situação destas aldeias. Como viveram e como vivem ainda hoje. Embora um bocadinho melhor, na questão agrícola nada melhorou, só piorou. As pessoas foram-se embora, as aldeias ficaram desertas. Os filhos que foram embora, em tempos, voltavam depois de reformados. Mas hoje ninguém volta. Quem vai fica lá ou quem lá estava fica lá. Vêm aqui só pelas festas e vão-se embora. Mas isso não vale nada, porque a população vai diminuindo. Em 1976, quando fundaram os compartes, tínhamos aqui 80 e tal pessoas. Foi tudo morrendo, morrendo, morrendo. Agora, claro, nunca mais houve aqui um casamento, um nascimento. Não houve nada. Isto fica desertificado totalmente daqui por mais uns anos.